

Nas miudezas do Abismo da Figueira

Flávio Chaimowicz

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

O preguinho

Spit. Do tamanho de quatro letras. Estava bem na borda do patamar que marcava o meio caminho entre o céu e a terra. Dele a corda descia diretamente os 42 metros até o final da linha vertical – para ser dramático, um prédio de 14 andares. Depois o mapa passaria a ser horizontal.

Não que a corda alcançasse o chão. Com o peso do espeleólogo ela chegava ao chão, mas assim que ele saía, a corda elástica encolhia e subia quase três metros. O suficiente para não dar para alcançá-la de novo; e ficar preso no fundo do abismo; e se arrepender de não ter deixado em Belo Horizonte – e na Pousada do Deon em Descoberto, e no nosso carro em frente à cerca da casa do Gibiu – um aviso de onde estávamos. Mas Ezio conhecia esta miudeza e, antes de largar a corda pela primeira vez, certificou-se de que havia um escorrimento de calcita por onde dava para subir vários metros para pegar a ponta da corda.

Mas voltando ao *spit*. Gilson, o morador de Descoberto que nos levou àquele “buraco muito fundo”, bem que perguntou lá da entrada, 30 metros acima do patamar: “esse preguinho não arrebenta não?” Com o pai – “seu Belô” – e mais dois moradores daquela serra, eram os comentaristas regionais daquele evento insólito que coloria a mata com excêntricos tons de amarelo, vermelho e azul dos mosquetões e outras tralhas da Petzl. Se bem de frente já era meio difícil compreender o linguajar daquele remoto do sertão da Bahia, ouvindo lá de baixo a conversinha do pessoal que observava nossa descida era tarefa impossível saber o que eles diziam. Mas a entonação desconfiada e a risadinha no final das frases curtas bastavam para revelar a opinião deles sobre o preguinho.

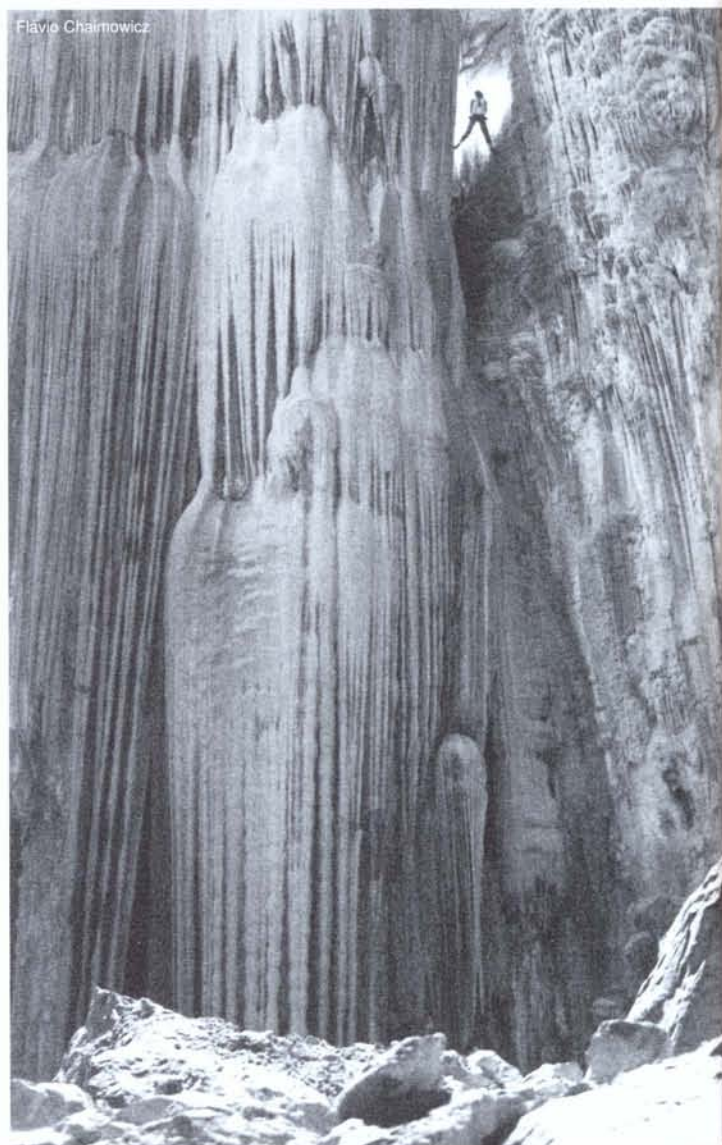
E eu não diria que a resposta do Ezio tenha sido completamente tranquilizadora: “Ele aguenta mais de uma tonelada; você pode pendurar um boi na corda que ele não arrebenta. A pedra onde ele está pode até rachar e soltar, mas ele não quebra”.

Felizmente eu não pensava nisto naquele momento; e quase não ouvia os gritos das maritacas, cujo som cada vez mais distante marcava nossa profundidade. Eu estava concentrado na próxima miudeza: passar por um mosquetão que, preso a

uma cordinha fixada na parede oposta à de onde passava a corda principal, desviava esta de um atrito. “É muito fácil”, disse Ezio. “Vá descendo até o mosquetão. Quando chegar, apóie os pés nas paredes, abra o mosquetão, passe ele para cima de você e continue descendo”.

Foi realmente fácil. Dalí para baixo, só o prédio de quase 14 andares em linha reta. Em vários trechos também era preciso apoiar os pés na parede – no clássico estilo “Batman e Robin subindo pelo prédio do bandido” – para manter a corda em uma posição, fora dos “outros” pontos de atrito com espeleotemas. “Eles são muito lisos, não tem nenhum problema” – desconversava Ezio. Mas pense no raspar do sobe e desce da corda elástica balançando na descida dos quatro espeleólogos curiosos, e depois na subida dos quatro espeleólogos cansados; miudeza para pensar na volta.

Flávio Chaimowicz



Subtleties of Figueira's Pit exploration

Figueira Pit, located in the Serra do Ramalho carstic area, can only be properly described if the exploration is presented in detail, as it is in this article. The local's mistrust in regard for the equipment's safety; the hungry explorers, for whom any snack in the depths is a banquet; details in the photographic record: subtleties of a caver's exploration day.

O champignon

Meti a colher no fundo, senti que estava mais pesada e puxei com cuidado. Do escuro do pacotinho, na medida em que a colher saía, pude ver a bolota amarelada misturada aos pedacinhos de carne. "Obai!" – pensei – "Desta vez consegui um champignon grande". Nada que se comparasse às enormes pérolas de caverna branquinhas que se amontoavam nos travertinos imaculados à nossa volta. Mas aquela bolota era comestível, e estava na minha colherada. Na antevéspera, no cânion da Gruna da Figueira, o recheio do sanduíche era lombinho canadense defumado com queijo. Na véspera, durante a prospecção nas redondezas com o "seu Belô", só o pão murcho com queijo branco e tomate – como bem definiu Gilson: "cês come só isso?". Mas hoje o almoço era *strogonoff* à moda russa com champignons.

Aproximei a colher do pão, que já estava cortado ao meio, e espalhei com cuidado o recheio. Eu era o último a servir, pois fui o último a desequepar. Cadeirinha, blocantes, mosquetões – as estrelas da linha vertical no mapa da hora anterior – agora jaziam esquecidos sobre a mochila amarela da Petzl largada em cima dos blocos, na penumbra vazia atrás de mim. No pacote havia muito caldo e pouca carne. Mas não havia como

"Assim como uma grande estalactite se forma com pequenas gotas, a exploração de um abismo profundo se constitui de miudezas."



Alexandre Camargo - Iscoti

aproveitar o caldo todo; quando cortei o pão murcho ao meio com o canivete, sem querer fiz um furo no pão e um excesso de caldo iria escorrer por ali. Foi mesmo por ali que escorreu, e pelas beiradas do pão, molhando com o caldo frio a minha mão, que já não estava exatamente limpa. As consistências e sabores diferentes da carne e do champignon se misturavam na minha boca; eu mastigava em pequenas mordidas meu único sanduíche-premium.

César tinha terminado o dele em poucos minutos e já comia a sobremesa: banana desidratada com damascos. Ele contava casos da Serra da Bodoquena, das explorações em Bulhas e do filho que já andava radicalmente de bike no condomínio onde morava em Apiaí. "Minha esposa sabe que estamos em Descoberto; se eu não voltar, ela liga para o Brandi e Iscoti". O César é desses companheiros de viagem que acabam se tornando um dos nossos preciosos amigos. Na ida estava à frente da fila cortando o mato espinhento com o facão que comprou em Descoberto e mandou afiar lá mesmo; na volta era sempre o último, garantindo que ninguém ficara para trás, perdido no meio da serra de calcário esburacada do sertão da Bahia. Para localizar pontos de referência era imbatível: "cê sabe quando a estrada faz uma curva fechada ali perto da Alagoinha?" perguntou Gilson. "Depois de um murundum grande?" tentou César. Era esta curva mesmo, e só ele se lembrava. Na mochila sempre cabia mais alguma coisa: "me dê esta corda que eu levo". No último dia confessou, com um brilho nos olhos e o sorriso largo: "esta foi a minha primeira grande viagem com o Grupo Bambuí".

Limpei a mão com caldo no macacão; ele já estava sujo mesmo, ali era meio escuro, e aquele era o último dia de exploração na Serra do Ramalho. Ezio – "aquele senhor ali", como dissera na véspera seu Belô – sentado ao meu lado, acabava de sacudir o pet de água com Clight sabor tangerina. Lília, do meu outro lado, também curtia em pequenas bocadas seu sanduíche de *strogonoff*. Contavam casos do último Ecomotion – "se eu tivesse acertado aquela entrada nos eucaliptos no meio da noite a gente não tinha terminado em 2º lugar" – e da viagem ao Aconcágua – "se você quiser, nem precisa chegar ao cume; a travessia já é maravilhosa e quase ninguém faz".

A paz dominava silenciosa o salão de entrada; a luz chegava fraca da abertura, 80 metros acima. Mas havia uma inquietude nas quatro histórias que se contavam e encontravam ali, na desordem dos blocos desmoronados. Não é todo dia que se come sanduíche de *strogonoff* à moda russa com champignons logo antes de entrar em um conduto de 60 metros de altura, inexplorado.

Cinco milímetros

Minha Nikon é valente; e também conta histórias. Arrastei a velha companheira um pouco mais para trás e consegui centralizar o espeleotema. Mas ela não ficou firme: estava apoiada em uma cortina inclinada, a cerca de um metro e meio do chão. Novamente para frente, um pouco para cima, não deu. Tentei de novo, e mais uma vez – Lília esperando de pé, Ezio detalhando o desenho do mapa – até que arrastei a máquina para uma pequena saliência na cortina e consegui, enfim, a firmeza que eu precisava. Ali ela enquadrava todo o escorrimento de calcita e não balançava; com a exposição de 3

segundos não pode haver nenhum movimento. Eu poderia estar com um tripé ali, mas para isto eu deveria ter carregado um na trilha de 50 minutos do carro estacionado no Gibiu até a entrada da caverna – se é que podemos chamar de trilha aquele mato fechado – e descido com ele os 80 metros do abismo. Sem falar na volta.

Lília estava de frente para a base do escorrimento, a uns 30 metros à frente na linha horizontal, já no local onde eu precisava. Mas a luz de um capacete aparecia na foto. “Ezio!” – gritei – “Esconda a sua luz! Ai não; ainda não; mais para a esquerda. Não! eu disse esquerda...”

Prendi a respiração, segurei firme e bati a foto. Afastei os olhos do visor para conferir. O enquadramento estava bom, mas a parte superior do espeleotema ficou escura. “Ilumine direto lá no alto”, gritei. Quando ele apontou a luz da sua *Scurion* para o começo do escorrimento percebi que a foto seria muito boa. Agora era só encaixar de novo a Nikon na posição, pois havia deslocado um pouco. Arrastei 2 mm aqui, 3 mm ali... “Parados agora”.

Com todos aqueles milímetros no lugar certo a velha Nikon revelou, das alturas de um passado milenar até o piso de terra vermelha da gruna, a cascata branca de pedra que escorria por 40 metros e fascinava aqueles visitantes miúdos.

O clique

Na medida em que eu subia pela corda de volta à entrada, as paredes foram ficando cada vez mais distantes. Dois metros para frente, três para esquerda e para a direita. Senti que meus braços começavam a falhar e a respiração a acelerar mais do que o esforço pedia. Tomei cuidado com o olhar; eu sabia o que veria abaixo de mim. Também não seria bom olhar para trás – inclusive confesso que fechei os olhos quando a corda rodou um pouco. Eu conheci aquela vista na descida, algumas horas antes: o enorme salão da entrada com 150 metros de extensão, 50 de largura, espeleotemas gigantes e um teto a 80 metros de altura. Segui à risca o esquema mental que havia preparado para aquele caso: “pare de pensar e continue subindo”.

Mais dois minutos e cheguei à ancoragem da entrada. Era um fim de tarde calmo e abafado, de céu azul claro. Os gritos das maritacas estavam por ali. Gotas de suor quente que há muito já haviam se agrupado agora escorriam da minha testa pelos lados do nariz; terminavam no pano azul escuro do macacão, quando eu secava o rosto com o antebraço. Lília, que tinha subido antes, me esperava: “Coloque o pé direito neste degrau”. Apoiei o pé naquela firmeza divina, deixando para o passado o vão de 30 metros, bem abaixo de mim, que insistia em me observar. E os outros 40, depois da plataforma, dependurados no preguinho que não soltou.

Busquei com a mão direita o *longi* longo e forcei meu mosquetão sobre a fita da ancoragem; ele se abriu, a fita entrou e o mosquetão se fechou em um clique de sonoridade perfeita. Foi a última miudeza do Abismo da Figueira.

Dans les minuties du Gouffre de la Figueira

Flávio Chaimowicz

Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas

“Ainsi qu’une grande stalactite est formée de petites gouttes, l’exploration d’un gouffre profond est constituée de minuties.”

Un p’tit clou

Split. De la taille de ces quatre lettres. Là, juste au bord du palier qui indiquait le milieu du chemin entre le ciel et la terre. À partir de lui, la corde descendait directement le long des 42 mètres jusqu’à la fin de la verticale – pour être plus dramatique: un immeuble de 14 étages. Après, le parcours deviendrait horizontal.

Ce n’est pas que la corde n’atteignait pas le sol. Avec le poids du spéléologue, elle y arrivait bien, mais dès qu’on la lâchait, la corde élastique se rétrécissait et remontait de presque trois mètres. Assez pour qu’on risque de ne pas la récupérer et qu’on reste emprisonnés au fond du gouffre, nous faisant regretter ne pas avoir laissé à Belo Horizonte – et à la *Pousada* du Deon, à Descoberto ainsi que dans notre voiture, garée devant la clôture de la maison de Gibiu – un petit mot disant où on était. Mais Ezio connaissait cette minutie et avant de lâcher la corde la première fois, il s’était assuré qu’il y avait une coulée de calcite par où on aurait pu monter quelques mètres pour attraper le bout de la corde.

Mais revenons au *split*. Gilson, l’habitant de Descoberto qui nous avait conduits à ce “trou très profond” avait bien demandé à partir de l’entrée, 300 mètres au-dessus du palier: “Ce petit clou là, il ne va pas lâcher?”. Avec son père “seu Belô”, et deux autres habitants de cette “serra”, il était l’un des commentateurs de cet événement insolite, qui coloriait la forêt des tons excentriques du jaune, du rouge et du bleu des mousquetons et d’autres matos de la Petzl. Si la façon de parler des habitants de ce coin lointain de Bahia était déjà assez difficile à comprendre quand on était face à eux, il était vraiment impossible de comprendre ce qu’ils disaient là-haut, en observant notre descente. Mais le ton méfiant et les petits rires en fin des phrases étaient assez révélateurs de leur opinion sur notre petit clou.

Et je ne dirais pas que la réponse d’Ezio ait été complètement tranquillisante: “Il peut supporter plus d’une tonne; tu peux pendre un boeuf à cette corde qu’il tiendra toujours bon. La pierre où il est fixé pourrait se fendre ou même lâcher, mais lui il ne se cassera pas.”

Heureusement, je ne pensais pas à ça à ce moment-là, je n’entendais presque pas les cris des maritacas, dont le son de plus en plus éloigné indiquait notre profondeur. J’étais concentré sur la prochaine minutie: passer par un mousqueton qui, attaché à une petite corde fixée sur la paroi opposée à celle où passait la corde principale lui évitait un frottement. “C’est très facile”, a dit Ezio. “Tu descends jusqu’au mousqueton. Quand tu y arrives, appuie les pieds sur la paroi, ouvre-le, passe-le au-dessus de toi et continue à descendre.”

Rien de plus facile. À partir de là, on n’avait que “l’immeuble de 14 étages”, en ligne droite. À plusieurs endroits, il nous a fallu appuyer les pieds sur la paroi – dans le plus pur style de “Batman et Robin qui grimpent l’immeuble du méchant” – pour garder la corde dans une position adéquate, en fuyant les points de frottements avec d’autres spéléothèmes. “Ils sont très lisses, il n’y a aucun problème” – Ezio faisait mine de rien. Mais imaginez la corde élastique qui se tendait et se détendait, qui frottait et se balançait pendant la descente des quatre spéléologues curieux. Imaginez tout ça encore, à la remontée des quatre spéléologues épuisés... Des minuties auxquelles penser sur le chemin du retour.

Le champignon

J'ai enfoncé la cuillère, j'ai senti qu'elle était plus lourde et je l'ai sortie soigneusement. Du noir du petit sachet, à mesure que montait la cuillère, j'ai pu voir apparaître la boule jaunâtre mélangée aux morceaux de viande. "Super!" ai-je pensé "Cette fois-ci j'ai réussi à avoir un grand champignon". Rien de comparable aux énormes perles, toute blanches de la grotte, qui s'entassaient dans les travertins autour de nous. Mais cette boule était comestible et elle était dans ma cuillère. L'avant-veille, dans le canyon de la *Gruna da Figueira*, le sandwich était au filet de porc fumé avec du fromage. La veille, pendant la prospection des environs avec "seu Belô", on n'avait que du pain mou avec du fromage blanc et des tomates en tranches. "Vous ne mangez que ça?" avait demandé Gilson, laissant bien entendre par là ce qu'il pensait de nos repas. Mais ce jour-là, le déjeuner était du *strogonoff* à la russe avec des champignons.

J'ai approché la cuillère du pain déjà coupé par le milieu et j'y ai soigneusement étalé la farce. J'étais le dernier à me servir, puisque j'avais été le dernier à déséquiper. Le baudrier, les bloqueurs, les mousquetons – les étoiles de la ligne verticale du parcours de l'heure précédente gisaient maintenant, oubliés, sur le sac à dos rouge de Petzl, lâché sur les blocs, dans la pénombre vide derrière moi. Dans le sachet il y avait trop de sauce et peu de viande. Et il n'y avait pas moyen de profiter de toute la sauce; quand j'avais coupé le pain mou avec le canif, j'avais fait, par inadvertance, un trou dans le pain et la sauce excédentaire allait couler par là. Et c'est bien sûr par là qu'elle a coulé, salissant ma main qui n'était déjà pas tout à fait propre. Les consistances et les saveurs différentes de la viande et du champignon se mélangeaient dans ma bouche et je mâchais, à petites bouchées, mon unique *sandwich premium*.

César avait fini le sien en quelques minutes et il mangeait déjà le dessert: banane déshydratée avec des abricots. Il racontait des histoires de la Serra da Bodoquena, les explorations à Bulhas, et parlait de son fils qui faisait déjà du VTT au condominium où il habitait à Apiaí. "Ma femme sait que je suis à Descoberto; si je ne reviens pas, elle appellera Brandi e Iscoti". César est de ces compagnons de voyage qui finissent par devenir précieux. À l'aller, il marchait toujours en tête, coupant la broussaille épineuse avec la machette qu'il avait achetée à Descoberto l'ayant faite aiguiser sur place; au retour, il était toujours à l'arrière, veillant à ce que personne ne reste en rade au milieu des montagnes de calcaire trouées dans le sertão de Bahia. Pour localiser les points de repère, il était imbattable: Tu te rappelles là où la route tourne en épingle, près d'Alagoinha?, a demandé Gilson. "Juste après une grande termitière? – a essayé César. Il s'agissait exactement de ce tournant, dont lui seulement se souvenait. Dans son sac à dos il y avait toujours de la place pour quelque chose en plus: "Donne-moi cette corde que je l'emporte". Le dernier jour du voyage il a avoué, une lumière particulière dans les yeux et un large sourire aux lèvres: Ça a été mon premier grand voyage avec le Groupe Bambuí".

J'ai nettoyé ma main sale de sauce sur ma combinaison; elle était déjà sale de toute façon, il faisait sombre et c'était le dernier jour de l'expédition. Ezio – "ce monsieur-là", comme avait dit seu Belô la veille – assis à côté de moi, venait de secouer sa bouteille d'eau au du jus de mandarine en poudre Clight. Lilia, près de nous, se délectait à petites bouchées de son sandwich au *strogonoff*. Ils racontaient des histoires du dernier Ecomotion – "Si j'avais trouvé cette entrée parmi les eucalyptus au milieu de la nuit, on n'aurait pas fini classés deuxièmes" – et du voyage à l'Aconcagua – "Si tu veux pas, tu n'es même pas obligé d'arriver au sommet, la traversée est merveilleuse et presque personne ne la fait".

La paix dominait silencieusement la première salle, la lumière perçait faiblement par l'ouverture, 80 mètres au-dessus de nous. Mais une inquiétude flottait dans les quatre histoires racontées et se retrouvaient là, dans le désordre des blocs effondrés. Ce n'est pas tous les jours qu'on mange un sandwich à la *strogonoff* avec des champignons avant d'entrer dans une conduite de 60 mètres de haut, inexplorée.

Cinq millimètres

Ma Nikon est vaillante; et elle aussi raconte des histoires. J'ai traîné ma vieille compagne un peu plus vers l'arrière et j'ai réussi à focaliser le spéléothème. Mais elle n'est pas restée stable, puisqu'elle était appuyée sur un rideau incliné. Encore une fois plus en avant, un peu plus haut, ça n'a pas marché. J'ai essayé encore et encore – Lilia attendait debout, Ezio précisait le dessin de la carte – jusqu'à ce que je traîne l'appareil vers une petite saillie dans le rideau et que je réussisse enfin à avoir la stabilité dont j'avais besoin. De là il cadrerait toute la coulée de calcite et ne bougeait pas; avec l'exposition de trois secondes, il ne faut absolument aucun mouvement. J'aurais pu avoir un trépied, mais j'aurais dû le transporter sur le sentier pendant les 50 minutes de marche de la voiture garée chez Gibiu, jusqu'à l'entrée de la grotte – si on peut appeler sentier ce bois compact – et le descendre sur les 80 mètres du gouffre. Sans parler du retour.

Lilia était en face de la base de la coulée, trente mètres plus loin, juste là où j'avais besoin d'elle. Mais la lumière d'un casque apparaissait sur la photo. "Ezio, ai-je crié – "Cache la lumière! Non, pas là! Là non plus, un peu plus vers la gauche. Non! J'ai dit à gauche..."

J'ai retenu mon souffle, empoigné fermement l'appareil et j'ai pris la photo. J'ai éloigné les yeux du viseur pour vérifier. L'encadrement était bon, mais la partie supérieure du spéléothème était trop sombre. "Éclairez directement en haut", ai-je crié. Quand il a ciblé la lumière de sa Scurion sur le début de la coulée, je me suis rendu compte que la photo serait très bonne. Je n'avais plus qu'à remettre la Nikon en position, puisqu'elle s'était un peu déplacée. J'ai glissé de 2 mm par-ci, 3 mm par-là... "Ne bougez plus!"

Avec tous les millimètres calés au bon endroit, la vieille Nikon a révélé, des hauteurs d'un passé millénaire jusqu'au sol en terre rouge de la grotte, la cascade en pierre blanche qui coulait sur 40 mètres et fascinait tous ses petits visiteurs.

Le clic

Au fur et à mesure que je montais la corde, en retournant vers l'entrée, les parois s'éloignaient de plus en plus. Deux mètres en avant, trois à gauche et encore à droite. J'ai senti que mes bras commençaient à faiblir et que ma respiration s'accélérait plus que l'effort ne le demandait. J'ai fait attention à mon regard; je savais ce que j'aurais vu au-dessous de moi. Ça n'aurait pas été bien non plus de regarder derrière – j'avoue que j'ai même fermé les yeux quand la corde a tourné un peu. J'avais connu cette vue pendant la descente, quelques heures auparavant: l'énorme salle d'entrée, de 150 mètres de long et 50 de large, des spéléothèmes géants et un toit haut de 80 mètres. J'ai suivi scrupuleusement le schéma mental que j'avais préparé pour un cas comme celui-là: Arrête de penser et continue à monter".

Deux minutes plus tard je suis arrivé à l'ancrage de l'entrée. C'était une fin d'après-midi calme et étouffante, le ciel était d'un beau bleu clair. On entendait les cris des *maritacas*. De chaudes gouttes de sueur, qui s'étaient agglutinées depuis longtemps, coulaient maintenant de mon front le long de mes narines, allant se perdre sur le tissu bleu sombre de ma combinaison quand je m'essuyais le visage avec l'avant-bras. Lilia, qui étaient montée avant, m'attendait: "Pose le pied droit sur cette marche." J'ai appuyé le pied sur cette solidité divine, laissant derrière moi le vide de 30 mètres, bien au-dessous de moi, et qui insistait à m'observer. Comme les 40 autres mètres, après le palier, pendus au petit clou qui n'avait pas lâché.

J'ai cherché de la main gauche la longe et j'ai forcé mon mousqueton sur la sangle d'ancrage; il s'est ouvert, la sangle est entrée et le mousqueton s'est fermé avec un clic à la sonorité parfaite. Ça a été la dernière minutie du Gouffre de la Figueira.